

Quando, em Paris, a restauração dos Bourbons substituíra o Império, em São Domingos o antigo escravo-copeiro Christophe se fez coroar rei por um bispo francês. Sob o nome de "Henrique Primeiro", o dinasta negro, envergando um casaco vermelho ricamente bordado a ouro, criou uma nobreza preta. Nomeou um "duque da Marmelada", um "conde da Limonada", um "príncipe do Asparago" e colocou êsses novos generais como governadores à testa de suas províncias.

Ergueram-se vinte e um castelos do "rei Henrique". Afinal, como grandioso monumento de seu poder, mandou construir, num dos mais altos montes, uma fortaleza de dimensões colossais — a fortaleza La Ferrière.

Vinte mil negros encontraram a morte durante a construção dessa obra gigantesca: regimentos de operários, sob as chicotadas, deviam içar nos rochedos abruptos e a pique, centenas de canhões de grande calibre. Uma vez pronta a edificação, o rei mandou estrangular todos os trabalhadores ao par dos segredos das obras. O engenheiro mutilo de cuja autoria eram as plantas, foi o próprio rei Henrique que, com suas próprias mãos, o precipitou nas profundezas vertiginosas do despenhadeiro.

\* \* \*

Em Paris como em Haïti, os privilégios da nobreza e do clero haviam sido restabelecidos. Havia de novo senhores e servidores, prerrogativas e privilégios. Tudo voltara a seu antigo estado, esquecidas as máximas da Revolução.

Somente numa solitária cela da Salpêtrière escapavam ainda de vez em quando frases confusas e mutiladas sobre igualdade, liberdade e direitos do homem, e que acabavam em gritos animais ou fantásticos ou em ladaíinha monótona. Cada dia, as palavras jorravam cada vez mais exaltadas, mais precipitadas até morrer por fim num balbuciar inarticulado e sem nexos.

Dentro da cela sombria e estreita do manicômio, acha-se uma mulher com os pés descalços, meio despida, os cabelos grisalhos e anelados ondeando-lhe desgrenhados pelos ombros. Ela é que, o olhar fixo, murmura numa monotonia horrível, discursos revolucionários destinados a inflamar para um novo assalto contra as muralhas da Bastilha, há muito desaparecida, os milhares de patriotas que, como fantasmas, se reúnem diante seu olhar enublado pela loucura.

Agora, justamente, escarrancha as pernas como se fôsse montada no cano dum canhão. Num gesto de comando, levanta os magros braços, como se quisesse dar a ordem de avançar a invisíveis *sans-culottes* e vendedoras de peixe. Em seguida, proferindo horríveis gritos estridentes, precipita-se contra as paredes de sua cela até abater-se no chão, esgotada e coberta de escoriações.



Miséria dos operários na Inglaterra.  
(Desenho de Gavarni).